



CONHECIMENTO DE SI NA ERA DA INTELIGÊNCIA ARTIFICIAL: UMA LEITURA DE MONTAIGNE SOBRE ALGORITMOS QUE NOS CONHECEM MELHOR QUE NÓS MESMOS

Vaniza Marchetto Garonce dos Santos¹, Antonio Alves Pereira Junior²

¹Acadêmica do Curso de Filosofia, Universidade Cesumar - UNICESUMAR. Bolsista PIBIC/ICETI-UniCesumar. vaniza@outlook.com

²Orientador, Mestre, Docente no Curso de Filosofia, UNICESUMAR. Pesquisador do Instituto Cesumar de Ciência, Tecnologia e Inovação – ICETI. antonio.alves@unicesumar.edu.br

RESUMO

O presente trabalho investiga os impactos da inteligência artificial (IA) na constituição da subjetividade contemporânea, a partir de uma leitura do pensamento de Michel de Montaigne sobre o autoconhecimento. O ponto de partida é a provocação de que os algoritmos atuais, aplicados em mecanismos de recomendação, análise comportamental e mineração de dados, parecem ser capazes de nos conhecer melhor do que nós mesmos, redefinindo a forma como compreendemos nossa identidade e nossas escolhas. Nos seus *Ensaíos*, Montaigne destaca a prática contínua da autorreflexão, da incerteza e da vivência como métodos para o autoconhecimento, inserindo o indivíduo em um percurso ético e introspectivo que transcende fórmulas objetivas. O estudo visa investigar a extensão em que o ideal montaigniano de autoconhecimento desafia as práticas algorítmicas atuais, indagando se diagnósticos preditivos e perfis digitais podem substituir ou apenas complementar a esfera filosófica e existencial do "conhecer-se". O objetivo principal consiste em investigar as tensões entre o conceito de autoconhecimento em Montaigne e o chamado "autoconhecimento algorítmico" [1]. A metodologia é qualitativa, teórica e exploratória, fundamentada em revisão bibliográfica crítica e análise hermenêutica aplicada a obras filosóficas e estudos contemporâneos em ética digital. Espera-se como resultado a produção de um artigo científico que evidencie os limites e as possibilidades do autoconhecimento na era digital, contribuindo para o debate contemporâneo em filosofia da mente, epistemologia e ética algorítmica.

PALAVRAS-CHAVE: Autonomia; Epistemologia; Ética digital; Subjetividade; Tecnologia.

1 INTRODUÇÃO

O avanço da inteligência artificial (IA) e dos algoritmos de análise comportamental tem redefinido a forma como os indivíduos se compreendem e constroem sua identidade no mundo contemporâneo. Sistemas de recomendação, mineração de dados e predição algorítmica tornam-se cada vez mais sofisticados, a ponto de gerar a percepção de que "nos conhecem melhor que nós mesmos".

Essa provocação abre espaço para reflexões filosóficas sobre subjetividade, autoconhecimento e autonomia, em diálogo com tradições clássicas da filosofia. Montaigne, em seus *Ensaíos*, destacou que conhecer a si mesmo é um exercício de caráter contínuo, pautado na introspecção, na dúvida e na experiência cotidiana, o que contrasta com a lógica estatística e padronizada dos algoritmos modernos (Montaigne, 2016).

A literatura contemporânea sobre ética digital mostra que a coleta massiva de dados e a capacidade preditiva da IA impactam diretamente a formação de subjetividades, instaurando formas de vigilância e de controle social que ultrapassam a esfera individual (Zuboff, 2020). Além disso, autores como Han (2015) argumentam que a sociedade atual vive sob novas técnicas de poder, em que a psicopolítica opera pela exploração dos dados pessoais e pela captura do comportamento, afetando até mesmo a

percepção que cada sujeito tem de si. Nesse sentido, a filosofia de Montaigne é aqui retomada como contraponto crítico, pois seu projeto de autoconhecimento resiste à objetivação e à redução do sujeito a dados quantificáveis.



O projeto justifica-se pela necessidade de estabelecer um diálogo entre filosofia clássica e questões emergentes da tecnologia. Embora estudos recentes discutam a epistemologia do perfilamento algorítmico e os dilemas éticos associados à IA (Murray, 2022), ainda são escassas as abordagens que relacionam esse fenômeno com tradições filosóficas como a de Montaigne.

Ao propor esse cruzamento, busca-se não apenas compreender os limites do “autoconhecimento algorítmico”, mas também reafirmar a relevância da reflexão ética e subjetiva como dimensão insubstituível da experiência humana (Galloway, 2004; Han, 2015; Zuboff, 2020).

O objetivo central desta pesquisa é investigar em que medida o conceito de autoconhecimento em Montaigne se contrapõe às práticas algorítmicas contemporâneas que afirmam conhecer o sujeito por meio de dados. Os objetivos específicos incluem: analisar a noção de autoconhecimento nos *Ensaio*s de Montaigne; compreender como a IA constrói perfis preditivos de usuários; avaliar os limites epistemológicos e éticos do autoconhecimento mediado por algoritmos; e discutir as implicações dessa comparação para a filosofia da mente e para a ética digital.

2 MATERIAIS E MÉTODOS

A pesquisa é de natureza teórica e qualitativa, orientada pela abordagem hermenêutica. Foram selecionadas como fontes primárias os Ensaio)s de Michel de Montaigne, em traduções e edições críticas, além de obras secundárias que analisam sua filosofia. Complementarmente, foram incorporados estudos recentes sobre inteligência artificial, big data, perfilamento algorítmico e ética digital. As bases de dados utilizadas incluem SciELO, Periódicos Capes e JSTOR, que forneceram artigos relevantes no campo da filosofia, epistemologia e estudos de tecnologia.

O método hermenêutico foi aplicado em duas etapas: (i) interpretação dos textos clássicos de Montaigne sobre autoconhecimento, introspecção e experiência, com atenção à dimensão ética e subjetiva; (ii) análise crítica de textos contemporâneos sobre inteligência artificial e algoritmos, com foco em como essas tecnologias constroem perfis comportamentais. A etapa final consistiu no cruzamento conceitual entre as duas tradições, buscando compreender convergências e tensões. Essa articulação interdisciplinar segue o critério de coerência argumentativa e relevância conceitual, permitindo relacionar conceitos filosóficos clássicos com desafios tecnológicos atuais (Han, 2015).

3 RESULTADOS E DISCUSSÕES

Os resultados parciais da análise indicam que a IA, ao organizar dados em padrões estatísticos e probabilísticos, tende a reduzir a subjetividade a um conjunto de informações quantificáveis.

Essa redução, ainda que eficiente para prever preferências e comportamentos, ignora dimensões éticas e existenciais da vida humana, que não podem ser capturadas por algoritmos. Montaigne, ao propor o autoconhecimento como exercício de autorreflexão contínua, enfatiza justamente aquilo que escapa à padronização: a singularidade da experiência, a dúvida sobre si mesmo e a construção da identidade no diálogo com a própria interioridade (Montaigne, 2016).

A discussão também aponta que os algoritmos reforçam formas de vigilância e controle social, moldando comportamentos a partir da exposição constante a recomendações e predições (Zuboff, 2020). Nesse contexto, a noção de “autoconhecimento algorítmico” revela seus limites epistemológicos, pois o sujeito passa a ser definido mais por dados externos do que por sua própria reflexão. O contraste com



Montaigne mostra que o verdadeiro conhecimento de si não pode ser delegado a sistemas técnicos, mas exige uma prática filosófica que envolve liberdade, introspecção e responsabilidade. Assim, os resultados parciais reforçam a relevância de recuperar tradições filosóficas para problematizar os efeitos da IA na constituição da subjetividade contemporânea (Galloway, 2004; Murray, 2022).

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS ↴

A reflexão proposta permitiu destacar que, embora a inteligência artificial seja capaz de construir perfis comportamentais complexos e oferecer previsões de conduta com alto grau de eficiência, esses mecanismos não substituem o processo ético e subjetivo de introspecção defendido por Montaigne.

O autoconhecimento, em sua perspectiva, não se resume à acumulação de dados ou diagnósticos externos, mas consiste em prática contínua de autorreflexão, dúvida e formação da identidade. Nesse sentido, a investigação evidencia os limites epistemológicos do chamado “autoconhecimento algorítmico”, que tende a reduzir o sujeito a informações quantificáveis, negligenciando sua dimensão existencial.

Como resultado esperado, a pesquisa aponta para a produção de um artigo científico que aprofunde o diálogo entre filosofia clássica e ética digital, contribuindo para a filosofia da mente e para os debates contemporâneos sobre tecnologia e subjetividade. Pretende-se, ainda, fomentar a discussão em eventos acadêmicos, ampliando a compreensão crítica do impacto da IA na constituição do sujeito. Assim, reafirma-se a importância de recuperar tradições filosóficas para iluminar os dilemas éticos da era digital, ressaltando que nenhum algoritmo é capaz de substituir a liberdade e a responsabilidade implicadas no exercício filosófico do conhecer a si mesmo.

REFERÊNCIAS

GALLOWAY, A. R. *Protocol: How Control Exists After Decentralization*. Cambridge: MIT Press, 2004.

HAN, B. C. *Psicopolítica: o neoliberalismo e as novas técnicas de poder*. Belo Horizonte: Autêntica, 2015.

MONTAIGNE, M. *Os ensaios*. Seleção e apresentação de Francisco Alambert. São Paulo: Martins Fontes, 2016.

MURRAY, S. Knowing Me, Knowing You: The Epistemology of Algorithmic Profiling. *AI & Society*, v. 37, p. 1497–1508, 2022. Disponível em: <https://doi.org/10.1007/s00146-021-01268-1>. Acesso em: 18 set. 2025.

ZUBOFF, S. *A era do capitalismo de vigilância*. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2020.

FLORIDI, L. *The Ethics of Information*. Oxford: Oxford University Press, 2013. Disponível em: <https://doi.org/10.1093/acprof:oso/9780199641321.001.0001>. Acesso em: 18 set. 2025.